

O TÍASO DE DIONISO: O LUGAR NO PENSAMENTO TRÁGICO DE NIETZSCHE¹

The Dionysus Thiasus: the place in Nietzsche's tragic thought

David Emanuel Madeira Davim²

RESUMO

Como outrora nos salientou Pierre Hadot, as mitologias, mais precisamente seu caráter alegórico, podem ser entendidas como o enunciado de um saber, ou ciência arcaica, relativo ao cosmo e que se vale de fabulações para proteger o verdadeiro das inteligências vulgares e profanas. Deste modo, as alegorias contidas nos mitos carecem de rigorosa interpretação pelo interessado, a modo de trazer a luz uma séria decifração sobre o ser, muito além do que se faz expresso pela forma. Seguindo os passos dos poetas trágicos, trouxemos nesse escrito algumas alegorias mitológicas que nos ajudam a pensar o conceito de lugar. Um movimento comprometido com a Geografia, porém concebido pela via nietzschiana. Valendo-se dos mitos que mais fazem sentido as proposições nietzschianas, apontamos o lugar como algo aparentado a imagem do tíaso de Dioniso. Este é entendido aqui como a dimensão imanente e pensante que as circunstâncias da vida efetiva nos doam e nos convidando ao desafio da decifração.

Palavras-chave: Mitos. Poética trágica. Filosofia da Geografia.

ABSTRACT

As Pierre Hadot mentioned, mythologies – most precisely it's allegorical character – can be understood as the statement of a knowledge, or archaic science, concerning the cosmos and making use of fables to protect the true erudition from vulgar and profane apprehension. Therefore, allegories contained in myths lack rigorous interpretation by the person concerned, which brings to light a serious resolution about being, far beyond what is expressed by form. Following the footsteps of tragic poets, we have brought in this writing some mythological allegories that help us ponder the concept of Place. A movement committed to geography, but conceived the Nietzschean way. Using the myths that make the most sense to Nietzschean propositions, we conceive Place as related to the image of Dionysus's thiasus. It is understood here as the inherent, thinking dimension that the circumstances of effective life grants as a gift, inviting us to the challenge of deciphering.

Keywords: Myths. Tragic poetic. Philosophy of Geography.

1. Texto elaborado como base para palestra proferida durante o VI Seminário Local sobre Lugar do Nomear - Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia, da Universidade Estadual de Campinas, no dia 16 de Dezembro de 2019, em Limeira (SP).

2. Doutor em Geografia (IG/Unicamp). davidavim@hotmail.com.

✉ Rua Dr. Jeber Juabre, 145, Bloco A, apto. 508, Jardim Santa Lúcia, Campinas, SP. 13060-611.

“Vem aqui, decantado Ulisses, ilustre glória dos Aqueus; detém tua nau, para escutares nossa voz. Jamais alguém por aqui passou em nau escura, que não ouvisse a voz de agradáveis sons que sai de nossos lábios; depois afasta-se maravilhado e conhecedor de muitas coisas, porque nós sabemos tudo quanto, na extensa Tróade, Argivos e Troianos sofreram por vontade dos deuses, bem como o que acontece na nutrícia terra.”

Homero (1981, p. 115).

APRESENTAÇÃO: A CATARSE ETERNA DO COTIDIANO

Cidade de São Paulo, fevereiro de um ano dentre os mais terríveis. Um trabalhador, vindo do interior do estado ou do Brasil, encontra uma nova oportunidade de emprego na metrópole. Euforia e suspense o invadem durante a viagem e a chegada tira-o, momentaneamente, das circunstâncias experienciais, fazendo-o conjecturar sobre o que pode ser logo mais. São Paulo, conhecida e ao mesmo tempo desconhecida, não acolhe ninguém distraído. Sua concretude e dinâmica, encantadora a princípio e quase sempre opressora, rouba de seus visitantes qualquer distração onírica. Ainda é difícil sonhar acordado nesta cidade. Andar distraído é um privilégio. Dentre tantas faces da super metrópole, uma se destacou ao trabalhador: a dura mobilidade cotidiana de suas linhas de ferro (trens e metrô) assalta seus afetos com espanto e angústias.

Difícil ficar indiferente diante do olhar aparentemente desolado de alguns paulistanos, indo e voltando de seus compromissos. Como se acostumar com a bárbara competição por assentos, ao abrir das portas dos vagões, que não demoram a lotar? Como não sentir o cansaço dos que estão de pé, em trânsito e desde muito cedo? Se solidarizar com pessoas sentadas no chão, importunadas pelos guardas da companhia de trem? Como não notar a dificuldade das crianças dormindo no

colo esgotado de suas mães, tias e avós? Velhos reivindicando o lugar para sentar? Pessoas cochilando sentadas, de prontidão, abraçadas aos pertences? Pedintes proferindo discursos de lamento, doença, abandono e miséria? O quanto esse cenário não é familiar para aqueles que resistem todos os dias à dinâmica dos grandes centros urbanos?

É irresistível questionar o quanto um artista de rua ou um “marreteiro”³ consegue faturar por mês no desafio diário dos trilhos. Esses permanecem quase sempre discretos, em silêncio, temerosos nas plataformas das estações. De repente, ao fechar das portas do trem, artista e vendedor explodem em cantos no interior dos vagões, anunciando música e produtos diversos. Ao fundo, nos alto-falantes, a repressão de um poder invisível e ordenador. Gravações tolem as trocas informais, contribuições e esmola. Vozes que se isentam das desigualdades, dos preconceitos, do desemprego, da falta de Estado, da recessão e jogam a responsabilidade de tudo o que se passa sobre um possível consumidor: “Não compre, não dê esmolas, denuncie”.

Guardas entram e saem, fardados ou não. Intimidam, apreendem, ofendem e são ofendidos. Adesistas, cumprem as ordens do poder contra os seus iguais, alguns com mais satisfação no dever do que outros. Marreteiros resistem, ironizam, correm, se escondem entre os passageiros, escondem as mercadorias junto ao público, debaixo dos bancos, entre as pernas de desconhecidos, enfrentam e escapam, na maioria das vezes. O microcosmo do trem, expressa a vasta e dura realidade de um país, cada vez mais conivente com a barbárie.

À primeira vista torna-se difícil a tarefa de ignorar tal cotidiano. Pelos túneis subterrâneos, onde a cidade (em multidões-manadas) flui e pulsa, é impossível desconsiderar uma agressão perene. O ditado é a

³ Nome dado à categoria de vendedores ambulantes que trabalham nos trens e metrô paulistanos. Antes o termo era associado ao sentido pejorativo de trapaceiro e estelionatário do comércio.

pressa. Muitas vezes não por chegar, mas por receio de permanecer ali, de atrapalhar uma pressa natural, uma agonia de todos por transitar ligeiro, irritadiços e impacientes. Pressa talvez para que o fluir em multidões tome menos tempo na busca por uma pausa em melhor lugar. Mas, que lugar?

Dez meses se passaram e algumas pessoas, a exemplo do proferido trabalhador, teimam em vivenciar tudo isso atentamente, na esperança de compreender ou, quem sabe, superar o trauma, entrar em catarse e acostumar-se com a terrível paisagem fluida. Com o decorrer da vida, em meio a tal cotidiano, é possível notar que, entre os angustiados que se debatem, há uma maioria em transe, que aparenta estar desprendida dos acontecimentos. Tais cidadãos parecem não sentir mais a fluidez terrível de túneis e trens. Parecem flutuar no onírico, com ouvidos, olhos e mentes entretidos, indiferente aos lugares e paisagens, mais comprometido com os estímulos de um aparelho celular. Esses cidadãos fazem parte dos desterrados. Aprenderam a entorpecer suas virtudes imanes por se convencerem que determinadas experiências, repetitivas, nada acrescentam em suas buscas. Desprendidos das nuances e detalhes, todavia, só parecem atentos a qualquer perigo maior, como um vaqueiro que há anos descansa na sombra da mesma quixabeira⁴.

Aos poucos os visitantes aprendem a nada ver e ouvir. Não sentem mais os toques, ou os cheiros. Não se comovem mais com a precariedade do outro, não se revoltam com as injurias, não se sensibilizam com a dificuldade dos que penam. Não há mais espaço para qualquer impressão, e o pensar se faz distante do sentir e da vida. Parece que nesta super metrópole os cidadãos estão presos em uma eterna catarse pós-traumática, a um vazio de sentimentos, uma

⁴ Árvore de porte médio da caatinga, que oferece boa sombra, porém seus ramos são repletos de fortes espinhos.

negação perpétua do cotidiano que já os perturbou outrora. Nada os perturba mais, pois se libertaram da plena imanência. Adquiriram um curioso dom de hibernar suas sensibilidades ao longo dos trajetos, como se as enclausurassem em casulos, em uma introspecção auto-induzida. Transitar parece ser outra espécie de pausa para o desterrado, ruptura quase plena de sua experiência. Não estão aqui, são autômatos em fluxo. Quando chegam onde pretendem, seguros, motivados e recompensados, abrem-se novamente à vida, ao lado mais ameno e aconchegante de tudo isso, deixando o acontecer invadir seus sentidos e inteligências. É claro que a cidade não é só incomodo, mas em território seguro e aconchegante, geralmente na esfera do privado, do restrito e doméstico, tal libertação nos acontece em maior potência.

É tentador conceber essa escolha pelo desprezo à terra, considerando a face terrível dessa mesma. Caso perguntemos a alguém sobretudo apontado a pouco, dificilmente a questão será compreendida (pela maioria), tão pouco dela poderá surgir qualquer resposta consciente ou honesta. Mas a resposta está presente na própria circunstância de quem flui. Os afetos trazem consigo tal resposta, de que é doloroso fluir assim, de encontro com as contradições e conflitos da dimensão pública da vida cidadina. É terrível atentar-se aos seus piores detalhes: multidões, densidade, fluidez, dinamismo extremo, pobreza, doença, sofrimento, exploração, penúria, entre tantos outros. Tais angústias nos invadem, provocam e envenenam, mas é preciso ir, mais ainda voltar.

Deste modo e nestas condições, desterrar-se é driblar as angústias, esquivar-se do sofrimento, manter-se são e sobreviver a cada dia. O artifício de resistir muitas vezes cede à tentação de criar uma casca, viver em uma concha, envolver-se de torpor e nada sentir em determinadas circunstâncias. Desprezo, indiferença e desatenção às

O tíaso de Dioniso: o lugar no pensamento trágico de Nietzsche
David Emanuel Madeira Davim

nuances das situações geram outro espectro perceptivo, a saber, o cotidiano terrível não é reconhecido como coisa ignorada, mas como condição tolerada, acostumada e naturalizada.

DE PENTEU AOS MARUJOS DE ODISSEU: O CORTEJO DE UM DESTERRO

O trabalhador recém chegado à cidade de São Paulo, curioso, instigado, repleto de euforia, esperança e desejo, comporta-se, em uma primeira cena e diante da fluidez do cotidiano terrível, como a personagem Penteu, da tragédia de Eurípedes (2011). Penteu, o orgulhoso rei de Tebas, representante máximo da ordem e da razão, atormentado e ao mesmo tempo curioso sobre os rumores dos camponeses, é instigado a subir no monte Citéron para espiar os rituais das Mênades de Dioniso. Esperando ser confundido, o rei se convence a usar vestes femininas para assim assistir escondido, e estarrecido, ao tíaso, composto por mulheres despidas em êxtase, dançando no interior de uma clareira de floresta, em meio aos sátiros e animais selvagens. Essas extraíam da terra todas as suas abundâncias: leite, vinho e mel. Excitavam-se umas às outras, amamentavam as feras com o leite dos próprios seios, tocavam música em seus instrumentos, cantavam e clamavam pela presença e glória de Dioniso. Filho bastardo de Zeus, Dioniso se proclamava o deus estrangeiro, errante, do êxtase e entusiasmo, que retornou da Ásia, em um grande cortejo, para dominar Tebas, tendo assim o reconhecimento de sua divindade e a conquista de sua ascensão ao Olimpo (GRIMAL, 1985; BRANDÃO, 1986; 1987; BULFINCH, 2002).

Penteu, relutante em aceitar Dioniso e as Mênades em sua cidade, descrente de sua condição divina e repressor sobre seus rituais, torna-se alvo da vingança do deus da embriaguez. Tendo seu esconderijo e disfarce revelados pelo ente divino, Penteu é capturado, brutalmente

despedaçado e devorado pelas bacantes, estando entre elas as mulheres de sua própria família. Eis a primeira condição do trabalhador recém chegado a São Paulo. Um vislumbrado, curioso, atento aos detalhes de cada situação nova e cada beleza, receptivo aos sintomas da experiência com o lugar, interessado nas outras pessoas e permeável aos problemas do dia a dia. Pobre visitante. Será devorado pela face terrível da cidade, pelas Mênades de sua nova clareira. Sentirá todas as dores de uma nova vida, o que o fará admirá-la e temê-la, em um primeiro momento, negando-a em sua plenitude imensa, densa e dinâmica. O corpo coagido é conduzido a afastar-se pouco a pouco, todavia, nem sempre é possível voltar atrás.

Com o tempo, o visitante torna-se um paulistano médio. Cansado de sentir, desgastado pelas dores e intensidade dos primeiros encontros. Chega a hora de criar casca, de adentrar no casulo e acostumar-se. Nem toda a experiência é desejada, nem todo detalhe é digno de atenção, nem todo instante de vida é passível de ser vivido e é preciso escolher (entre os outros) em quem confiar. Nem todo conflito é digno de enfrentamento. É necessário apaziguar os sentidos, filtrar as atenções, automatizar determinadas ações, em determinadas circunstâncias. Se faz necessário sentir menos, vivenciar seletivamente, tomar distância do indesejado, daquilo que é mais doloroso e assim alienar-se de alguns problemas, dificuldades e incômodos. Por esse caminho se molda o cotidiano de muitos trabalhadores de uma metrópole. O visitante introduziu cera em seus ouvidos e vendou os próprios olhos em determinadas situações do dia a dia, nos lembrando os marujos de Odisseu, o solerte herói da guerra de Tróia.

Na narrativa de Homero (1981), ao retornar para seu reino, em Ítaca, após o triunfo na Guerra épica, Odisseu tem sua viagem atormentada pelo vingativo Poseidon, o treme-terra, guardião do ecúmeno aqueu, como outrora descreveu Hesíodo (1995). Em meio aos inúmeros

desencontros, a embarcação do herói interrompe sua viagem entre as ilhas de Eéia e Trinácia, região perigosa do mar Egeu, repleta de recifes habitados pelas ninfas marinhas (sereias). Orientado pela deusa Circe, Odisseu, o mais racional entre os gregos, resolve proteger a marujada do belo e mortal canto das criaturas. Para evitar que sua tripulação se tornasse vítima de uma loucura extasiante e assim se lançasse sobre os corais, para serem devorados, Odisseu orienta a todos para que obstruamos ouvidos com cera, para evitar ouvir o sedutor canto da morte. O herói de Tróia, solicita à tripulação que o amarrem firme, junto ao mastro do navio, para que sozinho possa desfrutar do canto das sereias e assim enlouquecer do êxtase mortal, porém sem correr maiores riscos. O que mais seduziu o herói, o prazer do canto ou o saber de seu conteúdo?

Se o cidadão da grande cidade, repleta de situações conflituosas e aterradoras, pode ser identificado como um marujo de Odisseia, desterrado, alheio aos acontecimentos, alienado e entorpecido diante dos estímulos reais, quem assumiria a condição de Odisseu? Quem seria esse se não o cidadão interessado e esclarecido, o estudioso, o pensador ou cientista? Aquele que muitas vezes analisa os acontecimentos, orientado, previamente, pelos inventários de investigação, amparado em seu entendimento pelas bases teóricas e metodológicas de sua doutrina. O esclarecido só encarna o sentido de seu próprio termo de nomeação, pois é um interessado nos acontecimentos. Disso não há dúvida. Todavia, ele também teme os efeitos das experiências diretas como qualquer dos cidadãos entorpecidos. Não somente por zelo à sua integridade, mas pela longevidade de seus modelos e métodos, que podem se desmanchar no ar, diante da vida como de fato esta é.

A observação e análise do esclarecido, geralmente é assegurada, protegida contra as devastações de um envolvimento visceral com as vivências e seus problemas. Trata-se de uma análise à distância, confirmadora de premissas e princípios, que exclui inconsistências

em detrimento de generalidades e padrões, e que preserva tanto a posição quanto a autoridade científica. Nós, esclarecidos, geralmente somos cidadãos privilegiados, pois podemos escolher nos distanciar mais das contradições, ou melhor, de seu brilho mais direto. Quando nos atrevemos a nos aproximar da vida, como de fato esta é, o fazemos parcialmente, em algumas dezenas de saídas de campo. Podemos conduzir parte da investigação de modo impessoal, graças à praticidade dos bancos de dados. Reparamos tudo de modo ligeiro, mediado, assessorado e assegurados pela firmeza dos mastros da razão. Exercemos uma pesquisa comprometida com a confirmação de hipóteses antecipadas, distanciadas da facticidade, refratária às inconsistências, erigidas no conforto de um *bureau* de gabinete, em uma universidade ou centro de pesquisa.

Comumente nosso temor vem acompanhado de um ceticismo invertido, a saber, desacreditamos da terra, desconfiamos de sua efetividade (assim como desconfiamos dos nossos sentidos) já que a facticidade imanente é dada como mera aparência. Essa, ao ser analisada, não traz em si verdade alguma, muito pelo contrário, nos confunde e obscurece com suas inconsistências. Sendo assim, se o cidadão comum precisa ir, enfrentar o cotidiano e cumprir seus compromissos, nós, interessados e esclarecidos, também o fazemos. Porém, temos por maior compromisso nos defrontar com a terra⁵ e produzir saberes sobre ela. E assim, contraditoriamente desterrados, o fazemos.

A FILOSOFIA IMANENTISTA DOS LUGARES

Entre os esclarecidos de nossa tardia era moderna, alguns tiveram a inteligência e sensibilidade de apontar que o comportamento geral do

⁵ Entendido aqui por um viés perspectivista, isto é, uma multiplicidade de sentidos que se complementam. Para maior aprofundamento, ver Davim e Marandola Jr. (2018).

O tiaso de Dioniso: o lugar no pensamento trágico de Nietzsche

David Emanuel Madeira Davim

saber é, na verdade, um afastamento do mundo efetivo. Para esses, o esclarecimento da tradição e da razão convencional seria, na verdade, a negação da terra e da vida em detrimento de uma realidade construída por princípios puros, por um além-mundo inteligível orientador de induções empíricas, fruto de um adoecimento das virtudes, de uma corrupção dos sentidos e do espírito (DAVIM, 2019). Destacamos entre os aqui esclarecidos, o filólogo e pensador prussiano⁶ Friedrich W. Nietzsche, que enxergou em sua própria vivência cotidiana o caminho para ultrapassar a ordem vigente da Filosofia e da Ciência do seu tempo (D'IORIO, 2014).

Nietzsche, um jovem e promissor acadêmico (em Filologia clássica) durante os anos finais da década de 1870, resolve abandonar a ascese das salas de aulas e bibliotecas de escolas e universidades para viver um pensamento dionisíaco, errante e imanente (ASTOR, 2013; CATE, 2005). Todavia, sua radical escolha não fora inteiramente espontânea. A terrível doença⁷, que o assolou até o fim da vida, limitava um regime de trabalho convencional, obrigando-o a mudar radicalmente seu cotidiano (CATE, 2005; YOUNG, 2010). Na busca por amenizar os sintomas da doença, Nietzsche (2008) aderiu a uma transumância terapêutica e filosófica, buscando lugares que, ao mesmo tempo, amenizassem suas dores e mal estar e propiciassem bons momentos para pensar e escrever. Nos períodos mais quentes e úmidos da Europa Ocidental, Nietzsche se abrigava em clima de tempo firme e fresco como o dos Alpes Suíços (tendo Sils Maria como instância favorita). No inverno rigoroso das áreas altas, o filósofo preferia os ares mais cálidos

6 Na verdade, um apátrida, considerando que o pensador abriu mão de sua cidadania prussiana para trabalhar na Suíça (Basileia). Com a unificação alemã Nietzsche vê sua nacionalidade se dissolver.

7 Uma suposta sífilis que além de degenerar seu sistema nervoso o obrigava a conviver com longas prostrações, resistindo a fortes dores de cabeça, enfraquecimento da vista, náuseas e indisposição.

do mediterrâneo francês ou italiano (destaque para Nice e Gênova). Condições climáticas extremas, de muito frio, calor ou umidade, desencadeavam fortes crises em seu estado de saúde (D'IORIO, 2014; GROS, 2010).

Os lugares não se tornaram apenas estadias para se tratar, serviram também e na verdade para encontrar boa estrutura, clima e calma para ler e escrever. As realidades geográficas destes lugares eram cotidianamente exploradas, assim como a apreensão de seus elementos ambientais alimentavam interpretações e ideias que, por fim, compuseram os ensaios, livros e projetos filosóficos de Nietzsche. A partir desse imanentismo filosófico, Nietzsche propôs converter o pensamento, profundamente orientado pela metafísica, pelo idealismo e pelo empirismo previamente orientado, em uma filosofia da vida, do mundo das coisas, dos afetos e sintomas do corpo (D'IORIO, 2014; GROS, 2010). Uma verdadeira filosofia geográfica, que se vale do interesse sobre a *Physis*, como outrora já se cumpriu com o esforço dos pré-socráticos, destaque para os representantes e adeptos da escola jônica (DAVIM, 2019).

Dissertações, poemas e aforismos nietzschianos traziam consigo ideias encarnadas pelos impulsos sensoriais de diversos lugares e paisagens experimentadas pelo filósofo, a exemplo das florestas, lagos e picos nevados de Silvaplana, assim como os bosques, praias e falésias da Riviera Francesa (CATE, 2005; YOUNG, 2010). Além da libido sobre a externalidade geográfica, Nietzsche (2008) também mobilizava seu pensar sobre a doença que o consumia, tratando com total interesse os sintomas e o sofrimento corpóreo, além de sua reverberação sobre as angústias da mente e as influências do meio. Nietzsche (2004) pretendia inaugurar uma geografia médica, uma ciência comprometida em sinalizar a vigência de regiões de saúde, lugares potentes e propícios não só ao bem estar, mas à erupção de

O tásos de Dioniso: o lugar no pensamento trágico de Nietzsche

David Emanuel Madeira Davim

um novo pensamento. Esse movimento pode ser interpretado como o retornar à terra de Nietzsche, a saber, o esforço de trazer de volta, para a efetividade do mundo concreto e imanente, a virtude (o pensamento) que antes fora extraviada para o além-mundo dos espíritos, da pureza moral e essências divinas, formas matematicamente perfeitas, eternas e absolutas (DAVIM; MARANDOLA JR., 2018).

Para investir nesse pensar sobre a vida, para adentrar nessa filosofia imanentista dos lugares, é preciso retornar a uma condição primeira na postura do conhecimento. É preciso tornar-se, mais uma vez, ingênuo e inocente, desprender-se dos apriorismos e se deixar seduzir pelo canto das ninfas de Poseidon. Dito de outro modo, é preciso ser atraído pelo canto e dança exuberante das Mênades de Dioniso, e então, ser devorado pela face terrível das circunstâncias e das experiências cotidianas. É necessário assumir o deslumbramento do visitante diante da cidade grande, pois seu olhar é atento e impressionado. Sua sensibilidade é desnaturalizada, desacostumada com o que vê, ouve e sente, o que lhe proporciona a invasão de maiores afetos: encantamentos, curiosidades, espantos e desconfortos. Tudo é novidade para o migrante, mesmo diante de fatos semelhantes e daquelas situações já especuladas, de ouvir falar. Para Nietzsche (2011a; 2011b) é isso que faltava à Filosofia, tornar-se criança outra vez. Tomar, a cada instante, o ordinário por extraordinário, converter as situações do cotidiano, dolorosas e aparentemente enfadonhas, em situações espantosas, como o que aconteceu com Penteu diante do tásos de Dioniso – imagem que nos diz muito sobre a concepção de terra no pensamento de Nietzsche (DAVIM, 2019).

A TERRA DE NIETZSCHE

Na sua multiplicidade de sentidos, a terra nietzschiana pode ser tratada, em primeira cena, como a totalidade da dimensão efetiva da

existência, um mundo-aquém, ao rés do chão, sensível e constituído pelas coisas. Tal visão não se trata de uma inversão platônica, como salientou Heidegger (2010), pois em Nietzsche (2009; 2012b) a dicotomia entre essência-superior e aparência-inferior deixa de existir para afirmar a facticidade como única realidade possível. Nessa proposta, a terra, como totalidade, é um contínuo corpóreo, onde cada coisa e seu impulso animador (força ou vontade) são os mesmos, constituindo um cosmo fechado, limitado, eterno, cíclico, desprovido de princípio, finalidade, razão ou moral, marcado profundamente pelo conflito entre seus corpos-vontade, expressando a imagem de um campo de forças em luta, onde as estabilidades hierárquicas são efêmeras, estabelecendo assim uma ordem de realidade provisória, marcada pela mudança, diferença e caos (MARTON, 2010; NIETZSCHE, 2011a; 2012b).

Nessa mundividência, o ente humano não é nada mais do que um corpo constitutivo do contínuo cósmico. Corpo, vida, terra são os sentidos mais diretos desta única realidade efetiva apontada por Nietzsche (2011b). O corpo é o que de fato nos liga visceralmente a terra, já que são faces do mesmo ente, se entendem como uma única pele e compõe juntos uma única substância. Os afetos e sintomas do corpo nos comunicam o pulsar da vontade da própria terra, a natureza da força que à efetiva e anima. Se há uma maneira mais honesta de decifrar seus segredos, de se aproximar e traduzir seus sentidos mais originários e profundos, é pelo esforço de auscultar seus sintomas (BARRENECHEA, 2009). Por tudo isso, Nietzsche (2011a) destaca o grande valor do imanentismo. Sentir o corpo é sentir a terra, o modo privilegiado de conceber a realidade, compreender suas forças, de reunir elementos factuais decisivos para interpretar a existência e pensar a efetividade do mundo.

Para um pensador errante como Nietzsche (2008), a filosofia se faz com os pés, caminhando, escalando montanhas, margeando falésias, provando os odores dos bosques, das frutas, da maresia, o sabor dos alimentos, contemplando as encostas, o desenho dos litorais, das paisagens e das arquiteturas citadinas, tendo empatia com a alegria das festas populares, o luto dos cortejos, o entusiasmo das óperas e orquestras (GROS, 2010). Tais sensações em vida convidam o humano ao pensamento e à Filosofia. Para Nietzsche (2009; 2011a), os afetos são de extremo valor para a exercer a tarefa filosófica fundamental. Isso porque, na visão do autor, o corpo pensa imediatamente ao sentir, traduz formas em conteúdos e, desse modo, o corpo pode ser estimado como o nervo central para a investigação científica, como o epicentro para uma filosofia e uma geografia do imanente, de uma geofilosofia dedicada à decifração dos enigmas da terra, da vida, da efetividade do mundo concreto (DAVIM, 2019).

Mas a totalidade do mundo efetivo é um grande obstáculo para as potências do corpo, tendo em vista que não se pode sentir todo o cosmo. A alçada imanente do corpo é o limite de quando e do quanto de terra é possível sentir e pensar. O pensar-sentindo, na decifração dos enigmas telúricos, ocorre de maneira súbita, na imediata circunstância da experiência e mediante aos limites sensíveis do corpo, daquele ente interessado em saber (DAVIM; MARANDOLA JR. 2018).

O TÍASO DE DIONISO: O LUGAR E O TEMPO DO PENSAR-SENTINDO

Dioniso, um deus telúrico, gestado em terra por Zeus ao fertilizar o ventre mortal da princesa Sêmele. Na revelação esplendorosa do rei dos deuses, o corpo da jovem princesa tebana desintegra-se em raios e fogo, restando apenas um feto inacabado, resultado de seu romance divino. Hermes, também filho de Zeus, sugere que o feto seja

introduzido na coxa do pai, membro que serviu de novo útero para assim completar seu desenvolvimento. Do útero de uma mortal, do sêmen e da coxa do maior dos deuses, nasce uma divindade bastarda, que teve a morada no Olímpio negada, sobretudo por Hera, esposa do rei dos deuses. Perseguido pela madrasta traída, Dioniso recebe a guarda de seu irmão Hermes, que o exila no monte Nisa, aos cuidados das ninfas e dos sátiros (BRANDÃO, 1987; BULFINCH, 2002; EURÍPEDES, 2011; GRIMAL, 1985).

Aos pés do Nisa, a criança divina aprendeu a cultivar seus poderes sobre a transformação, a manipulação da terra, dos vegetais e a produção do vinho. Somente a presença de Dioniso diante dos humanos causava intenso frenesi, um transe, loucura (mania) divina semelhante a uma embriaguez. Na leitura de Vernant (2009) a embriaguez é uma ruptura à constante comportamental, sobretudo moral. Trata-se de um acontecimento extraordinário onde o vivente escapa das convenções, vai além da atitude natural.

Dioniso é o deus da embriaguez e do entusiasmo, sua presença é como vinho, alegre, inebria, excita e atordoa a todos, fazendo-os convidados de um verdadeiro desfile festivo sobre a terra, um verdadeiro carnaval em louvor a sua figura. A embriaguez é um estado sensível, cognitivo e filosófico que conduz o vivente a interpretar o caráter das pulsões (forças eficientes) da realidade efetiva. No cortejo dionisíaco, coro, ou tíaso, o convidado pode desfrutar de todas as abundâncias, delícias e prazeres da terra, desde que se entregue por inteiro à embriaguez de seus estímulos. Aos convidados descrentes que retalham e lançam olhares curiosos de perplexidade e condenação sobre o tíaso, Dioniso oferece a sua face mais terrível, a saber, ser despedaçado, devorado pelo próprio coro de Mênades que o exalta (EURÍPEDES, 2011; VERNANT, 2009).

Para o vivente interessado, que se propõe saber e decifrar os enigmas da terra, adentrar ao tíaso é tarefa fundamental. Em uma transposição

do mito à efetividade, o tíaso é a circunstância experienciada pelo vivente. Trata-se de um contexto agregador, uma reunião ou sutura entre instante e situação, onde a subtaneidade do desvelamento se dá ao vivente interessado. O tíaso de Dioniso é a alçada imanente daquele que se propõe conhecer. É, ao mesmo tempo, um limite e uma totalidade concreta, apreendida pela dimensão sensível da experiência. Limite, pois, é a porção de realidade possível de ser abarcada pela percepção, ou seja, até onde se sente. Totalidade, pois é tudo o que, de fato, podemos diretamente perceber. Para além da alçada, há terra incógnita, passível ser pensada, intuída, especulada, mas não percebida (DAVIM, 2019).

O epicentro da alçada imanente é o corpo, o nervo privilegiado em sentir a terra, apreender suas forças pelas nuances de cada afeto percebido. O corpo do vivente que adentra por inteiro os acontecimentos, torna-se um convidado entre as Mênades de Dioniso. Sua sensibilidade se embriaga dos afetos doados pelas potências que constroem o tíaso, o contexto da alçada imanente. Ao vivente interessado, participante do coro, carne devorada pelas Mênades e ninfas, cabe fazer da sensibilidade pensamento, algo que já acontece de imediato, como a própria subtaneidade do acontecimento, tendo em vista que a mente é o próprio corpo e este pensa ao sentir.

Todavia, o tíaso, como bem explorado nos mitos, é a comunhão entre beleza e horror. Diante dele, negação, temor e afastamento podem se revelar atitudes equivocadas. O asco e o medo nos facilitam ser devorados pela realidade, sem alcançar a glória de sua decifração. Caluniar, temer e enojar-se diante da terra é reforçar sobre a efetividade apenas o seu lado doloroso e pernicioso. A negação do tíaso é a atitude comum do homem moderno, que deprecia a terra à condição de mera aparência embusteira. Este prefere poupar-se dos riscos, preservar-se do sofrimento, afastando-se dos perigos da terra, de seus estímulos

sensíveis, lascivos, seus apelos sedutores, silenciando-a de uma vez por todas com indiferença e desprezo (DAVIM, 2017).

Para a tarefa da decifração, o ente que se propõe conhecer deve adentrar o coro báquico desafiando e superando o temor de seus riscos. Ele precisa fazer-se de ingênuo, se deixar levar pela volúpia das Mênades, permitir ser devorado por elas e ter uma atitude genuinamente trágica diante do terrível. A tragédia não é apenas o infortúnio do drama, dor e sofrimento. Seu sentido se torna pleno com a coragem do vivente diante do todo o risco de perecimento. O herói trágico, portanto, não é aquele que combate o perigo, aniquila-o, elimina-o e reverte os prejuízos por este causados, nos salvando dos infortúnios. O herói trágico é aquele que, com alegria, coragem e entusiasmo, enfrenta os horrores do mundo.

Amor fati é um termo esclarecedor sobre o trágico. É preciso desejar, ter gosto e interesse por todas as circunstâncias da vida, sem recorrer a entorpecimento e subterfúgios idealistas. Nesta visão os acontecimentos devem ser encarados como se estes fossem incontornáveis (como de fato são) e se repetissem a de eterno, não somente naquilo de benéfico e prazeroso, mas naquilo que a vida também traz de terrível, temeroso e doloroso. Não há compreensão, glória e superação sem que haja o enfrentamento diante dos riscos e perecimento. É preciso perecer para conquistar e saber (NIETZSCHE, 2011a).

A DECIFRAÇÃO DE ENIGMAS: O PENSAMENTO NOS ADVÉM

Na proposta nietzschiana, o humano não passa de um animal como outro qualquer. Pior, esse seria, dentre os animais, o mais delicado, desprotegido e enfraquecido, pois a cada passo de sua história, ele carece, cada vez mais, de seus inventos para então sobreviver às

exigências da terra (NIETZSCHE, 2016). A razão formal, matemática e causal não faz do homem coroa da criação, já que reforça as fragilidades da condição em que se encontra. Para Nietzsche (2012b), a virtude, que de fato caracteriza e singulariza fundamentalmente o ser humano, é a sua capacidade de avaliar, lançar valores e nomear coisas e acontecimentos. O humano é o animal avaliador, dotado de uma virtude poética, intimamente atrelado a uma vocação imanente, estética e filosófica.

Desta feita, o vivente que adentra o tíaso, isto é, ao lugar (à alçada imanente, à circunstância de vida, ao se atentar, imanentemente, às suas nuances situacionais) é aquele ente privilegiado na tarefa de sentir, pensar e nomear a terra. O vivente que se faz pertencente ao coro situacional, se dispõe a sentir a multiplicidade de afetos que o lugar nos apresenta. Sentir conduz o vivente à embriaguez de múltiplas sensações que, imediatamente, se transfiguram, no território da subjetividade, em uma infinidade de pensamentos. O pensar, portanto, não é algo construído individualmente pelo humano, pela intencionalidade e imposição de sua condição hierárquica, como a *Aufklärung* iluminista, um esclarecimento que se dá na iluminação hierárquica da razão sobre o objeto. O pensar, numa perspectiva nietzschiana, toma outro caminho, a saber, é algo que nos advém, nos visita e que nos é oferecido para que então possamos compreendê-lo, aclará-lo, decifrá-lo com mais pensamentos e, em seguida, anunciá-lo (NIETZSCHE, 2014).

Como já esclareceu Stegmaier (2013), ao aproximar Nietzsche e Heidegger diante do desafio do conceber sobre a *Alethéa*, a decifração ou desvelamento do Ser é algo pensado por estes autores mediante uma inspiração Aristotélica (HESSEN, 1980). Para Aristóteles a verdade não é algo inerte, posto, passivo à descoberta ou esclarecimento (*Aufklärung*) impositivo, mas algo a ser construído, edificado mediante

aquilo que, em circunstância, se abre e se apresenta ao pensamento. Sendo assim, o vivente interessado constrói a verdade junto à experiência (ser-junto-a), como prefere Heidegger (2009a; 2009b), em fiabilidade e fidelidade à terra, ao deixá-la ser, ao vivenciá-la e habitá-la, ao sentir a expressão de seus impulsos, que, imediatamente, reverberam em afetos sobre o corpo. Sentimentos estes que inundam a subjetividade do vivente com múltiplas ideias que correspondem à afetividade.

A decifração em Nietzsche segue esta concepção de que a efetividade do mundo das coisas não é mero objeto. A terra está viva, é dotada de impulso próprio, de força autônoma, existe e se expressa fora do *cogito* humano, como se fosse dotada de uma linguagem própria, como um dia pensou Eric Dardel (2011), ao reconhecer que a realidade geográfica tem voz e manifesta-se em apelos. A decifração, portanto, se aproxima da ideia de *Alethéa* ao reconhecer que a verdade nos chega e se pronuncia como enigma, ou seja, como um enunciado obscuro que nos toma de assalto, desafia nossa questionabilidade e capacidade de tradução. Na perspectiva de Heidegger (1998; 2009a) o ser em sua essência, ou a verdade, é desencoberto a partir do ente, da terra, da facticidade. A terra é aquela que ama se esconder, está inclinada a se ocultar, como já havia apontado Heráclito (HADOT, 2006). Cabe ao ente privilegiado do desvelamento (o humano), desocultar, ou subtrair da escuridão o ser do ente e da terra, libertá-lo de sua sombra. Eis o sentido da *Lichtung*, a saber, a abertura iluminada, a clareira que acolhe a presença, ou a doação do *Dasein*, o ser-aí, a essência ou a verdade que se apresenta e dispõe a percepção e a consciência humana (o pastor do ser). O humano em sua virtude é capaz de habitar a clareira onde o ser-aí acontece e se doa por meio do seu aliciamento à arte, à poesia, à palavra (a casa do ser) e à conversa ou diálogo (ser-uns-com-os-outros) (HEIDEGGER, 1998; 2009a; 2009b).

Tal conceber, portanto, não alcança nunca uma verdade última, cristalizada e irretocável. Neste ponto, Stegmaier (2013) sugere que a verdade em Nietzsche seja concebida pela variável “verdadeiro”, isto é, uma verdade provisória, efêmera, circunstancial, que se limita a esclarecer a natureza das coisas e eventos, tendo em seus limites um determinado contexto, ou seja, instante (tempo) e lugar (espaço). Além disso, o verdadeiro traz consigo um perspectivismo de sentidos, uma margem de manobra entre possíveis imagens esclarecedoras, uma multiplicidade de pensamentos que, juntos, fazem justiça a complexidade da própria vida, da terra e dos estímulos percebidos pela sensibilidade.

O verdadeiro nesse sentido é uma aproximação à veracidade, nunca desvendada em sua plenitude. Aí está a diferença decisiva entre Nietzsche e os fenomenólogos como Heidegger, que acreditam revelar a verdade do ser pela linguagem. O verdadeiro para Nietzsche se aproxima da ficção, trata-se de uma arte, que mesmo mentindo ou margeando a verdade, se apresenta mais honesta e fidedignamente à efetividade da terra do que a sentença categórica da tradição, aquela que se reconhece enquanto verdade última. Nietzsche (2011a) nos convida a criar conceitos científicos e filosóficos de modo semelhante aos poetas trágicos. É preciso criar novos mitos, novos deuses, como se a decifração fosse uma espécie de teléstica teológica (HADOT, 2006). As musas de Hesíodo já anunciaram tal forma de conceber o verdadeiro, a saber, “Pastores agrestes, vis infâmias e ventres só, sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos” (HESÍODO, 1995, p. 88). A confissão de farsa entre as musas aponta o limite da nossa linguagem, ou seja, dizer mentiras semelhantes à revelação, pois o verbo, em verdade, só é pleno nos apelos da própria terra (o acontecer em si), na voz das musas que por ela cantam: “e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações” (HESÍODO, 1995, p. 88).

Uma verdade múltipla, situacional e efêmera (o verdadeiro) é ao mesmo tempo a maldição (terrível) e o presente que o tíaso de Dioniso oferece ao vivente interessado em sua decifração. O vivente, portanto, é aquele que adentra ao tíaso, se deixa embriagar pelos seus ditirambos e participa da dança junto ao lugar, circunstância que o coloca em afinidade com o ato de decifração do acontecimento. A decifração é um conceber de anúncio verdadeira sobre a terra, que se dá na dimensão imanente da experiência, através de um corpo que pensa ao sentir os impulsos (forças) que o lugar nos doa e expressa. Um conceber terrível, por nos assombrar com sua face dolorosa, conflituosa, fluida e incerta e, mesmo tempo, precioso por nos conceder a dádiva do entendimento sobre a realidade, de conceber a terra via uma geografia imanentista, para que possamos edificar inúmeras possibilidades de vida.

FECHAMENTO: OS DITIRAMBOS DE DIONISO

Se o lugar é o tíaso de embriaguez e decifração (a alçada imanente onde corpos extasiados sentem e pensam junto à terra), este também é o coro de vozes por onde os *dithýrambos* ecoam. Como já explorado, Nietzsche compreende o humano como um ente privilegiado pela virtude de avaliar a terra, valorar sobre seus estímulos e a partir desses últimos, propor novos conceitos. Heidegger acompanhou esse movimento ao anunciar que o a virtude humana habita e acolhe o ser pela linguagem, fundando assim nomeações.

O vivente interessado, portanto, não é somente aquele com coragem e entusiasmo suficiente para adentrar as circunstâncias (ao tíaso de Dioniso). Não é somente aquele vivente sensível aos impulsos e sintomas do seu corpo e à expressão da efetividade. Não é somente um pensador virtuoso, com habilidades cognitivas e intelectivas,

O tíaso de Dioniso: o lugar no pensamento trágico de Nietzsche
David Emanuel Madeira Davim

capazes de encontrar nos afetos caminhos para desanuviar e edificar ideias. O vivente interessado é dotado, concomitantemente, de todas estas possibilidades sinalizadas, assim como também é um tradutor astucioso, um verdadeiro poeta-interprete capaz de externalizar impressões, sentimentos e ideias em linguagem, em belas palavras que correspondam, ao máximo, à natureza e ao caráter fundamental das coisas, lugares e acontecimentos.

A poesia, em nosso entendimento, vai muito além de um lirismo ou esforço de literato. Sua definição mais adequada se assemelha ao sentido de *poiesis*, um fazer criativo, um erigir ou edificar de uma anunciação que brota de todo o caminho a pouco apontado. Caminho esse que orientar adentrar ao tíaso, sentir suas forças e expressões, encontrar e conceber ideias mediante o sentir e, como ápice do movimento, traduzir as ideias em sentidos pronunciáveis, anunciações, signos, palavras e poesia. Por esse caminho se constrói o verdadeiro no ato circunstancial de decifração sobre as vontades da terra. Trata-se de um esforço hermenêutico, de interpretação, uma exegese sensível do corpo e da vida, uma criação do pensar-sentindo, uma obra de arte que se efetiva pelo doar-se da terra e seu acolhimento pela virtude humana (BARRENECHEA, 2009; GRANIER, 2009; MOTA, 2010).

O ofício do ente interpretante é semelhante ao episódio de convocação de Hesíodo (2012). Esse, antes de se fazer poeta, era um modesto pastor de ovelhas que, aos pés do Hélicon, foi arrebatado pelo canto das musas, sendo capaz de narrar a origem dos deuses, de todas as coisas e em todos os tempos. Assim também se fez Nietzsche nos Alpes suíços, acolhido pelo vilarejo de Sils Maria, seu *topos* filosófico por excelência, lugar onde foi capaz de compor suas obras mais decisivas (ASTOR, 2013). Ao modo dos trágicos, o vivente interessado deve se fazer pensador e poeta. Invaso pela embriaguez, proporcionada pelas potências da realidade geográfica, o pensador-poeta se

compromete em traduzir, com belas palavras, os apelos da terra. O ente interpretante, portanto, é aquele que consegue decodificar, transpor as formas e dinâmicas dos acontecimentos em tons e sonoridades. É aquele que transpõe vida em canções, ritmos, rimas, ditirambos que trazem consigo a expressão essencial do verdadeiro, o sentido de todo, um esforço de aproximação entre homem e meio. Esse era o grande objetivo do saber centáurico do jovem Nietzsche (2011a), um conhecimento híbrido, nascido da comunhão entre Ciência, Arte e Filosofia.

Posteriormente esse saber recebeu uma infinidade de outros nomes, como geografia médica, *gaia* ciência, jovialidade, arado dos maus valores. Sintetizando, trata-se de uma tarefa da sensibilidade e do pensamento humano em refundar valores sobre a existência, escavar e fazer emergir da obscuridade da terra, novos valores, novos conceitos e nomeações que rejuvenesçam a cultura, os costumes, a arte, a ciência e o pensamento.

Como nos convoca o próprio pensador: “Trazei, como eu, a virtude extraviada de volta para a terra – sim, de volta ao corpo e à vida: para que dê à terra seu sentido – um sentido humano” (NIETZSCHE, 2011b, p. 74). 

REFERÊNCIAS

- ASTOR, Dorian. **Nietzsche**. Trad. de Gustavo A. Feix. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- BARRENECHEA, Miguel Angel. **Nietzsche e o corpo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega** (I). Petrópolis: Vozes, 1986.

O tíaso de Dioniso: o lugar no pensamento trágico de Nietzsche

David Emanuel Madeira Davim

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega (II)**. Petrópolis: Vozes, 1987.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia** – (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. Trad. de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CATE, Curtis. **Friedrich Nietzsche**. New York: Peter Mayer Publishers, 2005.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DAVIM, David E. Madeira. A Terra sob tortura: técnica como vingança e reafirmação do racionalismo. **Sociedade e Natureza**. Uberlândia, v. 29, n. 1, p. 9-24, 2017.

DAVIM, David E. Madeira. Retorno à vontade da terra: Nietzsche como devir fundamental para uma geofilosofia. 2019. 241 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

DAVIM, David E. Madeira; MARANDOLA JR., Eduardo. Cinco visões sobre a terra na geofilosofia de Nietzsche. **Geosp – Espaço e Tempo**, v. 22, n. 3, p. 729-746, 2018.

D’IORIO, Paolo. **Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da Filosofia**. Trad. de Joana Angélica d’Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

EURÍPIDES. **As bacantes**. Trad. de Eudoro de Souza. São Paulo: Hedra, 2011.

GRANIER, Jean. **Nietzsche**. Trad. de Denise Bootmann. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

GRIMAL, Pierre. **A mitologia grega**. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. Trad. de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.

HADOT, Pierre. **O véu de Isis: ensaio sobre a história da ideia da natureza**. Tradução de Mariana Servolo. São Paulo, 2006.

HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. In: HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de Floresta**. Trad. de Irene Borges Duarte. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. Trad. de Marco Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche**. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 2 v.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o Humanismo**. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009b.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos Deuses**. Trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HESÍODO. **O trabalho e os dias**. Trad. de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.

HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. Trad. de Antônio Correia. Coimbra: Arménio Amado Editora, 1980.

HOMERO. **Odisséia**. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

MOTA, Thiago. Nietzsche e as perspectivas do perspectivismo. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo, v. 27, pp. 213-237, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

O tiaso de Dioniso: o lugar no pensamento trágico de Nietzsche

David Emanuel Madeira Davim

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011b.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**: Reflexões sobre os preconceitos morais. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**: como se filosofa com o martelo. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano Demasiado Humano**: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012b. v. 1.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos Póstumos 1887-1889**. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

NIETZSCHE, Friedrich. O Anticristo: ensaio de uma crítica ao cristianismo. In: NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**, Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

STEGMAIER, Werner. **As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche**: coletânea de artigos. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. Tradução de Joana a. D'ávila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

YOUNG, Julian. **Friedrich Nietzsche**: a philosophical biography. New York: Cambridge University Press, 2010.

Submetido em Janeiro de 2020.

Revisado em Março de 2020.

Aceito em Abril de 2020.